

Inflação de favelas

Quando o governador Joaquim Roriz chegou ao Palácio do Buriti, havia cerca de 7 mil barracos de madeirite e papelão espalhados por todo o Distrito Federal. Meses depois da posse, pôde-se constatar uma explosão de invasões. Gente que morava em fundo de quintal ou que já havia mudado para cidades do Entorno montou barraco em áreas públicas. Novas favelas surgiram em questão de dias no Recanto das Emas e em Santa Maria. As duas foram erradicadas pelo SivSolo.

No total, 9 mil barracos foram derrubados nesses dois anos de governo Roriz. Mas o número não abaixa. A estimativa do SivSolo é de que ainda existem outros 9 mil. As duas principais concentrações são a Estrutural, com cinco mil barracos, e a expansão da Vila São José, em Brazlândia, com 2,5 mil barracos. "É difícil acabar com as invasões porque o problema vai além da derrubada de barracos. O problema é social", analisa o major Oliveira, do SivSolo.

"Já perdi as contas das operações que fiz para remover barracos da Ponte do Bragueto. E, todo dia, tem barraco novo ali. As pessoas vêm de longe porque vislubram melhores oportunidades de vida em Brasília", explica. O major tem razão. Na quinta-feira, barracos de lona preta eram armados no local. Crianças nuas brincavam na grama e adultos armavam colchões rasgados debaixo da sombra.

Não tem jeito. "Vim da Bahia pra cá porque lá o pessoal diz que aqui a gente ganha lote. Vim com minha mulher e meus três filhos", comemorava o desempregado Sebastião Pereira, de 31 anos. "Quando nós derrubamos os barracos, levamos a mudança das pessoas para a casa de parentes no DF e até no Entorno. Mas elas voltam e, de novo, invadem. Vivem de migrar de uma invasão para outra na esperança de conseguir um lote", encerra o major Oliveira.

COLABOROU:
ROVÊNIA AMORIM